

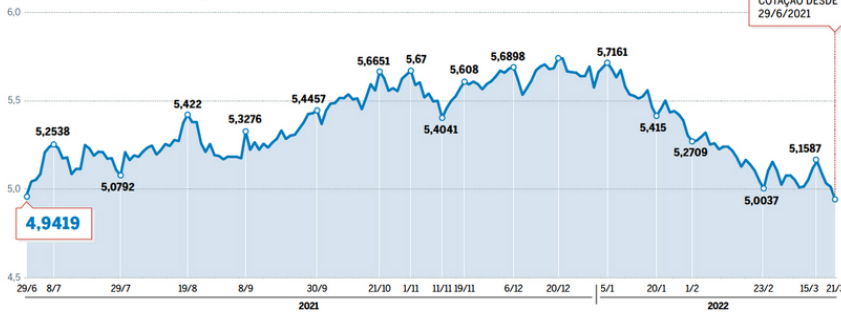
Dólar fecha abaixo de R\$ 5 pela 1ª vez em 9 meses

ALÍVIO NO CÂMBIO

DÓLAR FICA ABAIXO DE R\$ 5 'Commodities' e juros altos levam moeda a R\$ 4,944

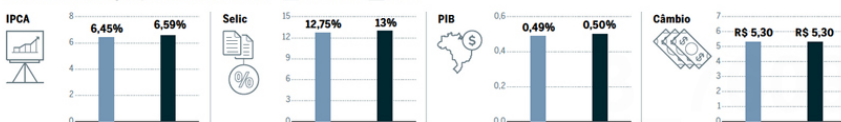
PRESSÃO CAMBIAL CEDE

Moeda americana recua à menor cotação em 9 meses



Piora nas estimativas do mercado

Relatório Focus vê inflação e juros maiores no fim do ano



Fonte: Valor Data e Banco Central

VITOR DA COSTA
vitor@valorinvestimentos.com.br

O dólar comercial encerrou ontem abaixo dos R\$ 5 pela primeira vez desde junho do ano passado, enquanto a Bolsa avança. Ambos se beneficiaram da valorização de commodities como petróleo e minério de ferro. No câmbio, influenciam ainda os juros altos e a forte entrada de recursos externos.

A moeda americana recuou 1,43%, a R\$ 4,944. É a menor cotação em nove meses, desde 29 de junho de 2021, quando encerrou a R\$ 4,9419. No ano, o dólar acumulou queda de 11,32%.

O Ibovespa, por sua vez, subiu 0,73%, aos 116.155

pontos. É o maior patamar desde 13 de setembro de 2021 (116.404 pontos). No acumulado do ano, a alta é de 10,81%.

Hideaki Iha, operador de câmbio da Fair Corretora, lembra que o Brasil é produtor de commodities, em alta por causa da guerra na Ucrânia. E resalta que os juros também têm ajudado. Na semana passada, o Banco Central (BC) elevou a Taxa Selic para 11,75% ao ano.

EFEITO RÚSSIA

Desde o início do ano, o real já mostra um desempenho positivo. O Brasil vem se beneficiando de uma rotação de carteira dos investidores internacionais, que têm procurado

papéis de "valor", como são conhecidas as empresas com histórico mais consolidado, entre elas as de commodities e bancos, setores com forte peso no índice brasileiro.

Os papéis da Petrobras avançaram 3,35% (ordinários, ON, com direito a voto) e 3,76% (preferenciais, PN, sem voto), acompanhando o salto de mais de 7% nos preços do petróleo. O barril do tipo Brent foi a US\$ 115,62. Já as ações ON da Vale avançaram 2,83%, e as da CSN, 2,57%. Os papéis PN da Usiminas subiram 0,34%.

Já as ações PN de Itaú (ITUB4) e Bradesco tiveram alta de 2,47% e 2,37%, respectivamente.

A rotação ocorre pela pres-

Focus: juros e inflação maiores

> Mesmo depois de o Banco Central (BC) elevar a taxa básica de juros para 11,75% ao ano, na semana passada, analistas de mercado ainda veem inflação alta no fim 2022, além de uma Selic maior.

> No Relatório Focus publicado ontem, a projeção para o IPCA, o índice oficial de inflação, subiu de 6,45% na semana passada para 6,59%. A estimativa está cada vez mais distante do centro da meta, de 3,5%, e do teto, de 5%.

> O Focus reúne as projeções dos analistas de mercado, compiladas pelo BC. Para 2023, as expectativas passaram de 3,70% para 3,75%.

> Já a estimativa do mercado para a Selic no fim deste ano foi de 12,75% para 13%. A mudança reflete um cenário de inflação maior e expectativas de novas altas de juros, conforme indicado pelo BC na semana passada. A projeção para 2023 também subiu, de 8,75% para 9% ao ano. (Gabriel Shinohara)

pectiva de juros maiores nos Estados Unidos, o que prejudica papéis de "crescimento", como são chamadas as companhias que projetam expansão futura, mais afetadas pela alta nos juros. O Federal Reserve (Fed, o BC americano) elevou na semana passada sua taxa básica em 0,25 ponto percentual, para o intervalo entre 0,25% e 0,5%.

Esse movimento ajuda a trazer mais dólares para o Brasil, o que contribui para a queda da moeda americana. Até 17 de março, o fluxo estrangeiro no segmento secundário da B3, aquele com ações já listadas, estava positivo em R\$ 75,2 bilhões.

O Brasil continua atraindo investimentos, principalmente, por causa das grandes empresas exportadoras. E capturamos grande parte do fluxo que iria para a Rússia. Assim como as empresas, os investidores também procuram sair do país e, com a Rússia sendo excluída de outros índices dos emergentes, os outros países acabam ganhando proporcionalmente —disse o head de Renda Variável da Veedha Investimentos, Rodrigo Moliterno.

RISCO DO BC AMERICANO

A Rússia também é forte em commodities, mas, depois de invadir a Ucrânia, tornou-se alvo de sanções econômicas, e muitas empresas têm suspendido voluntariamente seus negócios com o Kremlin. Iha, da Fair, acredita que, nas próximas semanas, o real ainda deve se valorizar. Ele avalia que esse movimento deve se manter enquanto perdurar a guerra. Apesar do conflito pressionar a inflação em todo o mundo, ele torna o Brasil mais atraente frente a seus pares emergentes.

E, mesmo com o Fed elevando os juros nos EUA, eles ainda são bem mais elevados no Brasil. Esse diferencial estimula a prática chamada de carry trade, que consiste em tomar o dinheiro em países onde as taxas são baixas e investir em outros que têm juro maior e que trazem, portanto, mais rentabilidade.

No curto prazo, enquanto as commodities estiverem nesse patamar e o fluxo entrado no Brasil, isso favorece o real —disse Iha.

Ele, porém, vê o dólar acima dos R\$ 5 no fim do ano. Jogam contra o real os riscos fiscais e uma alta de juros maior pelo Fed. O presidente do BC americano, Jerome Powell, afirmou ontem que o banco pode elevar juros acima do previsto, "se isso for necessário para restaurar a estabilidade de preços."

ENTREVISTA

Tony Volpon. ESTRATEGISTA-CHEFE DA WHG E EX-DIRETOR DO BOC

'SE HOVER RECESSÃO, ESSA FESTA PODE ACABAR'

Para o estrategista-chefe da WHG e ex-diretor do Banco Central, Tony Volpon, a queda do dólar deve se manter no médio prazo. O maior risco para o real, diz, é uma recessão global.

Que fatores contribuem para a apreciação do real no ano? O contexto é de uma alta de

juros nos Estados Unidos e de uma inflação elevada no mundo inteiro. Esses dois fatores favorecem o tipo de ação presente na nossa Bolsa, que são empresas de commodities. Em momentos de inflação alta, os preços de commodities sobem. Estamos vivendo em um mundo inflacionário por várias razões. A guerra na

Ucrânia piorou esse quadro. E, por outro lado, a alta de juros penaliza um tipo de investimento comum nas Bolsas americanas, as empresas de tecnologia. O investidor global tem vendido essas empresas e comprado empresas de commodities. O Federal Reserve, o BC americano, tem sinalizado um processo de alta de juros gradual. Mas há risco de eles acelerarem o passo.

Nosso Banco Central iniciou a alta de juros antes de seus pares. Isso ajudou a valorizar o real? Ou os fatores externos pesam mais?

De um lado, você tem uma demanda por reais, com o

estrangeiro querendo vender dólar. E, do outro lado, o investidor local, que estava comprado em dólar, não quer mais porque é muito caro. Você cria demanda por reais, que gera valorização cambial. Mas o que realmente virou o cenário foi o fluxo. Sem ele, não teríamos um dólar abaixo de R\$ 5.

Parte do mercado avalia que a guerra colocou o Brasil em vantagem frente a outros emergentes. O senhor concorda?

A guerra inflacionou mais o mundo. Isso é

bom para qualquer produtor de commodities. Nesse sentido limitado, ajuda em um primeiro momento. O problema da guerra, do ponto de vista econômico, é que aumenta o risco de recessão. E se isso ocorrer, essa festa pode acabar.

As condições que ajudaram o real são sustentáveis no médio prazo?

Esse movimento deve continuar à medida que esses dois processos, o Fed subindo juros e a inflação global, continuem. E o cenário básico é que esses dois fatores continu-

em por um bom tempo.

O que pode prejudicar o real?

Se esse processo de alta de juros pelo Fed for acelerado e levar a uma recessão nos Estados Unidos. O que está levantando o PIB global neste momento são os EUA. Se o país entrar em recessão, temos uma recessão global. Em recessões globais, os preços de commodities caem, porque você tem destruição de demanda.

Na sua avaliação, é viável o dólar abaixo de R\$ 5 no fim do ano?

Sim, se as condições citadas ainda estiverem vigentes. (Vitor da Costa)



ALTON DE FREITAS

Governo zera imposto de importação de alimento e etanol

Medida voltada para itens da cesta básica vale até o fim do ano para frear inflação. Impacto na gasolina chega a R\$ 0,20

MANOEL VENTURA
manoel@globo.com.br
BRASÍLIA

O governo decidiu zerar, até o fim do ano, o imposto de importação sobre café, margarina, queijo, macarrão, óleo de soja e açúcar. Também foi zerado o imposto de importação do etanol, que é misturado na gasolina e também vendido separadamente. O objetivo é ajudar a conter a inflação, que chegou em fevereiro a 10,54% em 12 meses.

A redução do imposto sobre o etanol ajudará na queda do preço da gasolina, já que o combustível vendido no posto precisa estar misturado com o produto. Cada litro de gasolina precisa ter ao menos 25% de etanol, conforme a legislação.

O governo calcula que zerar a alíquota do etanol vai fazer o preço da gasolina cair R\$ 0,20 na bomba.

— Temos uma estimativa de que isso poderia levar a uma redução do preço da gasolina da ordem de R\$ 0,20 na

bomba. É uma análise estática. Na prática, essa medida vai acabar arrefecendo a dinâmica de crescimento dos preços na ordem de R\$ 0,20 — disse Lucas Ferraz, secretário de Comércio Exterior.

CAFÉ SOBE 61,44% EM UM ANO
Hoje, o etanol tem alíquota de importação de 18%. A redução dos impostos vale a partir de amanhã, quando a medida for publicada no Diário Oficial da União (DOU).

— Estamos preocupados com o impacto da inflação sobre a população. Estamos definindo redução a zero da tarifa de importação de pouco mais de sete produtos até o final do ano. Isso não resolve a inflação, isso é com política monetária, mas gera um importante incentivo — afirmou o secretário-executivo do Ministério da Economia, Marcelo Guaranyis.

Além do etanol, de acordo com o Ministério da Economia, os alimentos da cesta bá-



Cesta básica. Itens como café, margarina, queijo, macarrão, óleo de soja, açúcar e etanol terão a tarifa de importação zerada até o fim do ano para frear inflação

sica estão entre os que mais pesam na inflação.

Atualmente, o café tem alíquota de importação de 9%. A margarina, de 10,8%. O queijo, de 28%. O macarrão, de 14,4%. O açúcar, de 16%.

O aumento de preços é uma das principais dores de cabeça do governo Jair Bolsonaro. Desde 2021, o governo vem discutindo medidas para tentar frear a escalada do preço do combustível nos postos, um quadro que piorou após a invasão da Ucrânia pela Rússia.

O governo já zerou os impostos federais sobre o óleo diesel, que somam R\$ 0,33 por litro. Na gasolina, o PIS, a Cofins e a Cide representam R\$ 0,66 no litro.

— O preço dos combustíveis apresentou alta muito acelerada nas últimas semanas, em função do conflito no Leste Europeu. O objetivo dessa re-

dução do imposto de etanol é permitir que um preço mais baixo no etanol, diluído ao combustível, ao petróleo, possa apresentar preço ainda mais baixo pra população — disse a secretária-executiva da Câmara de Comércio Exterior (Cames), Ana Paula Repeza.

Foram priorizadas, de acordo com o governo, mercadorias com peso relativamente maior nas cestas de consumo da população e para as quais a inflação acumulada nos últi-



“Estamos preocupados com o impacto da inflação sobre a população”

Marcelo Guaranyis,
secretário-executivo do
Ministério da Economia

mos 12 meses tenha tido “significativa” variação positiva.

Nos últimos 12 meses, segundo dados do IBGE, o café moído subiu 61,44%. O açúcar saltou 34,97%. O macarrão subiu 12,29%, enquanto o óleo de soja, 10,98%. Já o queijo aumentou 15,43%, e a margarina, 20,97%.

BENS DE CAPITAL

O governo federal também anunciou que vai reduzir em 10% o imposto de importação sobre produtos como celulares, computadores e máquinas usadas em indústrias, conhecidas como bens de capital.

A medida busca baratear a compra de equipamentos pelo setor produtivo e diminuir o preço de itens importados, comprados pelos consumidores no país.

Com isso, o corte de tarifas de importação de bens de ca-

pital, tecnologia de informação e bens de consumo chegará a 20% — já que em março de 2021 o governo cortou em 10% nas alíquotas.

Hoje, as alíquotas variam de zero a 16% na Tarifa Externa Comum (TEC), usada no comércio com países que não fazem parte do Mercosul. A redução anunciada ontem pode ser feita sem passar pelos demais países do Mercosul.

Com a decisão anunciada ontem, um produto cuja alíquota do imposto de importação era de 14% antes da mudança feita em 2021 passará a ter, com a segunda redução aprovada, alíquota de 11,2%.

Em um horizonte de até 18 anos, Ferraz disse que a redução de 10% nas tarifas permitirá um aumento de R\$ 288 bilhões no Produto Interno Bruto (PIB).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 11 e 13